

IV Congresso de Terapia Regressiva

A Terapia Regressiva como estratégia integrativa da personalidade

Curando Memórias com a Constelação Sistêmica Transgeracional

A transmissão do trauma para os descendentes
e harmonização do Campo Mórfico

Dra. Laís de Siqueira Bertoche

Novembro de 2013

INDICE

Introdução

I- Premissas básicas

1. Hipótese da CAUSALIDADE FORMATIVA
 - a. Campos Mórficos
 - b. Memória
 - i. Coletiva – Campo Mórfico Familiar e Universal
 - ii. Pessoal – Campo mórfico individual
2. Ordens dos sistemas orgânicos e sociais
 - a. Pertencimento
 - b. Hierarquia
 - c. Equilíbrio entre dar e receber
3. Quem somos nós: Ator e personagens
 - a. Herança espiritual
 - b. Herança familiar
 - c. Personagem intruso

II- O digno de curar

1. Definição de sintomas (bloqueios)
 - a. Memórias traumáticas
2. Origem dos sintomas: energias intrusas (*miasmas*)
 - a. Campo mórfico pessoal (personagem atual)
 - b. Campo mórfico espiritual (personagens do passado - Vida Passada)
 - c. Campo mórfico familiar (herança ancestral)
 - d. Personagens intrusos (personagens coadjuvantes e personagens intrusos)
3. A transmissão do trauma para os descendentes

III- A Terapia Transgeracional

1. Instrumentos:
 - a. A Hipnoterapia Regressiva
 - b. A Constelação Sistêmica Transgeracional
 - i. Constelação Familiar, Bert Hellinger.
2. A cura pela Terapia Transgeracional
 - a. Processo terapêutico, com ênfase na Constelação Sistêmica Transgeracional.

Curando memórias com a Constelação Sistêmica Transgeracional

INTRODUÇÃO

Desde menina questiono e procuro respostas para a diversidade da vida: pedras, plantas, animais, luz e sombras, ricos, pobres, saúde, doença, nascimento e morte... O que faz com que algumas pessoas superem suas dificuldades e outras sucumbam a elas? Como explicar o absurdo e a graça que o viver expressa?

Para mim, o objetivo do médico era auxiliar as pessoas a encontrar (sempre que possível) uma cura rápida e permanente para seus sofrimentos. Esse ideal me fez buscar na medicina um sistema que pudesse responder pelas causas últimas. Por isso comecei pela psiquiatria, me encontrei na homeopatia, segui pela terapia de vida passada, terapia de família, constelação sistêmica familiar e criei a Terapia Sistêmica Transgeracional.

Pergunto: Se o Universo começou com o *big bang*, como a matéria se estrutura, se mantém e continua a aumentar e evoluir? Como surge a Consciência? O pensamento, a criatividade, o Amor? E a organização das sociedades, o desenvolvimento das pessoas?

A Vida se manifesta, se desenvolve e se mantém num Universo de galáxias, estrelas, sistemas planetários e planetas há cerca de quinze milhares de milhões de anos. Neste palco azul – nossa Terra – a vida está presente, se sustenta e se transforma há três milhares de milhões de anos.

Além das *leis imutáveis*¹ que até pouco tempo sustentavam o Universo, e o *Acaso e a Necessidade*² que tentavam explicar a organização da Vida, há uma nova possibilidade: de que a Vida se estrutura e desenvolve no tempo e no espaço, influenciada por tudo que aconteceu até então; tudo que existe, desde partículas atômicas, células, organismos, pessoas, pensamentos, grupos sociais, religiões, etc. surgiram e continuariam existindo em campos de memória estruturada pelos hábitos de *coisas* semelhantes do passado. Essa é a hipótese da CAUSALIDADE FORMATIVA, desenvolvida pelo biólogo Rupert Sheldrake.

A hipótese da causalidade formativa sugere que a vida tem um propósito, uma finalidade evolutiva e se organiza e mantém no interior de *campos organizadores* dotados de uma espécie de memória herdada de membros passados de sua espécie: *os campos mórficos*. Esses campos, como observou o psiquiatra C. G. Jung, irradiam-se (por ressonância mórfica) através do espaço e do tempo afetando não apenas os filhos, mas várias gerações, expressando-se como uma memória inconsciente, seja a nível individual ou coletivo, reverberando no presente e se expressando como neuroses e algumas psicoses.

Todas as abordagens terapêuticas que saibam perceber e possam atuar nessas respostas habituais, poderão dissolver os sintomas. Esse é o objetivo da Terapia Regressiva e outras abordagens fenomenológicas como a Constelação Sistêmica Familiar e da Terapia Sistêmica Transgeracional, que expressa a síntese dos conhecimentos que adquiri ao longo dos meus 31 anos de trabalho.

¹ Aristóteles

² O acaso e a necessidade, de Jacques Monod.

I. Premissas básicas

“E se as ditas leis da natureza fossem, na realidade, hábitos universais que se desenvolveram no seio de um Universo em desenvolvimento?”

(Sheldrake, 1988,1995, p. 65)

Premissas são informações essenciais que servem de base para a organização de um raciocínio, de uma argumentação ou de um estudo para conduzir a uma conclusão. As premissas que utilizaremos aqui são: a hipótese da causalidade mórfica, as ordens que atuam nos sistemas orgânicos e sociais e a compreensão de quem somos nós: Ator e personagens.

⊙. **HIPÓTESE DA CAUSALIDADE FORMATIVA**

Todas as coisas são constituídas por MATÉRIA, ENERGIA e por PRINCÍPIOS ORGANIZADORES, CHAMADOS CAMPOS MÓRFICOS.

O *campo* é uma região de influência física que confere a organização típica de um sistema vivo, bem como suas atividades específicas e origina as formas. Os campos inter-relacionam e interconectam matéria e energia no seio de seu domínio de influencia.

O campo mórfico interage com a matéria e a organiza. Cada espécie de organismo possui seu próprio campo morfogenético, o que não impede que os campos de espécies aparentadas possam ser semelhantes. Essa é a hipótese da CAUSALIDADE FORMATIVA.

OS CAMPOS MÓRFICOS

A hipótese da causalidade formativa sugere que os organismos vivos mantém sua forma, organização, estrutura e padrão de informação por estarem inseridas num campo organizador herdado dos membros passados de sua espécie, através de uma espécie de memória inata, que transmite não apenas os genes, mas também os hábitos de desenvolvimento e de comportamento dos ancestrais de que esta emerge¹.

O conceito de campos mórficos surgiu há mais de 60 anos. **CAMPOS MÓRFICOS** são princípios organizadores, padrões de estrutura, informação e, portanto, de memória no espaço-tempo, que incluem e moldam ativamente tudo o que existe e acontece no Universo, não como formas transcendentais, mas como qualidades imanentes aos organismos.

Os campos mórficos possuem uma realidade física e estão intimamente ligados à matéria. Evoluem no domínio da natureza, sendo influenciados pelos acontecimentos reais do passado, guiando os sistemas sujeitos à sua influência em direção a uma finalidade, isto é, a padrões de organização característicos. Possuem uma memória inerente à espécie, onde *cada*

Campos são regiões de influência não material no espaço-tempo.

São eles que possibilitam a coesão da matéria, a regeneração completa dos Platemintos e das feridas, a organização e manutenção das colmeias, dos grupos sociais e dos mundos.



membro é moldado pelo campo da espécie e contribui, por sua vez, para moldá-los, influenciando os membros futuros da espécieⁱⁱ. Trata-se de um conceito bem semelhante ao de alma-grupo.

Os CAMPOS MORFICOS são inerentes a todos os sistemas: partículas subatômicas, moléculas, organismos, comportamentos, crenças, pensamentos, indivíduos, famílias, sociedades, planetas, estrelas e tudo no Universo. Embora não possamos vê-los, podemos sentir sua influencia do mesmo modo que percebemos o campo magnético que rodeia um íman na presença de limalha de ferro.

Auto-ressonância: Quanto mais semelhantes forem os padrões de atividade de ressonância, mais específica e eficaz será a ressonância mórfica. Desse modo, a ressonância mórfica que atua sobre um organismo será, muitas vezes de seus *próprios* estados passados; com efeito, nenhum outro lhe será tão semelhante. Essa auto-ressonância tenderá a estabilizar e manter a forma característica do organismo, harmonizando o desenvolvimento de suas estruturas simétricas. Isso explica como os organismos vivos conseguem preservar as formas características a despeito de uma mudança contínua de seus componentes químicos.

Quanto mais repetido for um padrão de atividade, mais forte será sua influência.

A auto ressonância estabiliza, pela sua alta especificidade, o padrão de atividade característico de um organismo, ao passo que a ressonância com organismos passados semelhantes estabiliza a estrutura de probabilidade geral do campo.

HIERARQUIAS ENCAIXÁVEIS DE CAMPOS

A hipótese da causalidade formativa considera os campos mórficos do sistema a todos os níveis de complexidade como fundamentais.

Rupert Sheldrake

Sheldrake sugere que todos os processos de informação que organizam, mantêm e estabelecem a forma, a função e a finalidade do organismo (sistema), são conduzidos e organizados pela presença de campos mórficos (hólons) de nível superior, que também restringem o indeterminismo dos campos mórficos (hólons) inferiores, aumentando a probabilidade de se produzirem determinados padrões.

Os campos secundários se integram e organizam no campo global do organismo numa espécie de hierarquia de campos encaixados, onde padrões de comportamento são organizados por hierarquias encaixadas de campos comportamentais, tais como os padrões da morfogênese são organizados por hierarquias encaixadas de campos morfogenéticos.

Podemos chamar a estas unidades mórficas secundárias de hólons, acentuando o aspecto da forma e da unidade que constituem os processos mórficos nos quais *estados terminais bem formados podem emergir*: células que compõem tecidos, que compõe órgãos, que compõe sistemas, que compõe organismos, etc. Ou seja: níveis hierárquicos de complexidade do tipo encaixável, onde organismos (campos) de nível superior são constituídos por partes que são elas mesmas organismos (campos) a um nível inferior.

Cada tipo de célula, tecido, órgão e de organismo tem seu próprio tipo de campo. Esses campos moldam e organizam os microrganismos, os vegetais e os animais em desenvolvimento e estabilizam as formas dos organismos adultos. Fazem-no com base na sua própria organização espaço-temporal.

Rupert Sheldrake

Os campos mórficos moldam, não apenas a forma dos organismos, mas também o seu comportamento, e da mesma forma, os campos comportamentais estão organizados em hierarquias encaixadas. Cada campo comportamental

organiza um padrão particular de comportamento, e são herdados de membros anteriores da mesma espécie, por ressonância mórfica.

Os campos mórficos não estão limitados ao corpo e ao cérebro físico, *mas se estendem para além deles, ligando o corpo ao ambiente em que atua e coordenando uma hierarquia encaixada de campos mórficos, que inclui a atividade das células nervosas e muscularesⁱⁱⁱ, as sensações, o comportamento e as ações, o pensamento e a consciência.*

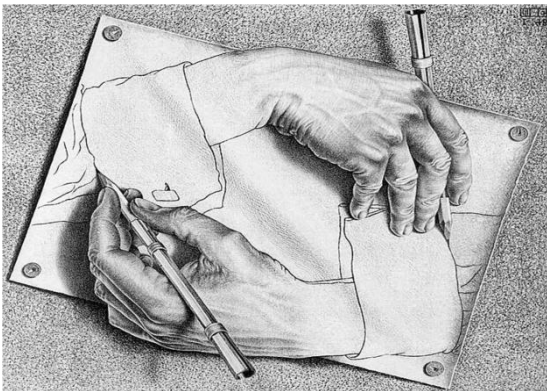
CAMPOS MÓRFICOS E RESSONÂNCIA MÓRFICA

Cada indivíduo simultaneamente escreve sobre e contribui para a memória coletiva da espécie.

Os grupos sociais são igualmente organizados por campos.

Rupert Sheldrake

Os princípios organizadores da natureza não estão eternamente fixos, mas evoluem com os sistemas que organizam. Do mesmo modo, os campos morfogenéticos não tem uma existência transcendente, independente dos organismos, mas são influenciados por eles e moldados, através da ressonância mórfica, pelos campos de organismos semelhantes anteriores.



Quanto mais antigo um campo, mais fortemente estabilizado. No caso de novas estruturas de atividade, os hábitos do sistema anterior formam a base do novo sistema, do novo campo mórfico. Essa transferência de informação de um campo a outro se produz por ressonância mórfica através de padrões rítmicos de atividade. A ressonância mórfica entre estruturas de atividades rítmicas baseia-se na semelhança – ou sintonia vibratória – possibilitando que padrões de atividades passados influenciem os campos de sistemas semelhantes no presente e no futuro, numa espécie de ação à distância no espaço e no tempo.

O nascimento de uma forma não se verifica no vazio, mas a partir de germes morfogenéticos que entram em ressonância mórfica com os membros anteriores da espécie que já possuem uma organização específica. Sintonizado com os campos da espécie, o embrião em desenvolvimento encontra-se rodeado, ou envolvido, pelos canais de mudança do campo mórfico que moldou o desenvolvimento de inúmeros embriões que o precederam, influencia que aumenta proporcionalmente ao número total de membros da espécie.

Como os campos morfogenéticos são “estruturas de probabilidade”, as influências dos tipos passados mais comuns se combinam para aumentar a probabilidade de repetição desses tipos. Os campos organizadores do comportamento animal e humano, dos sistemas sociais e culturais e da atividade mental são campos mórficos, onde a informação desempenha um papel formativo ou in-formativo. Campos mórficos são *campos de informação*.

Um campo mórfico só pode produzir seus efeitos enquanto o sistema se mantiver na mesma frequência vibratória; se a frequência for alterada, outros campos entram em ação e o campo original “desaparece”. Esse campo voltará a aparecer quando as circunstâncias anteriores se manifestarem, entrando o sistema em ressonância mórfica.

Quando estamos diante de situações novas, respostas são exigidas, e nesse caso, é muito provável que se esteja criando um novo **campo mórfico mental**, desenvolvido a partir das atividades virtuais ou possíveis para aquela

espécie. Inicialmente, este não será um tipo de **campo comportamental**, já que o padrão ainda não se encontra estabilizado por padrões de atividades anteriores.

O QUE É MEMÓRIA?

“E se as ditas leis da natureza fossem, na realidade, hábitos universais que se desenvolveram no seio de um Universo em desenvolvimento?”

Rupert Sheldrake, 1995

Memória é a faculdade de reter as ideias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente. Para aprender é necessária a participação da memória, mas não necessariamente, da consciência. Memoriza-se a maneira de nadar, de escrever, e, todavia, estas recordações habituais não são conscientes.

Como se forma a memória?

Não sei se você alguma vez notou que, quando faz algo com facilidade, rapidamente, não há esforço; ao contrário, há uma completa ausência de luta.

Krishnamurti, 1964

A memória só é possível a partir da percepção (consciência) da experiência, comportamento e atividade mental, organizadas no passado pelo campo mórfico e tornadas presentes, mais uma vez, por ressonância mórfica. Qualquer lembrança, inclusive de si mesmo, só é possível por causa da ressonância de si mesmo no passado.

É a ressonância mórfica que permite manter a aparência e a forma física que cada pessoa tem. Daquilo que não se tem consciência, não se consegue lembrar. A consciência surge contra um pano de fundo de inconsciência, devido a habituação, que por sua vez depende da própria ressonância mórfica.

Hábito e consciência

Reagimos a qualquer coisa nova com alarme ou fuga exatamente por que não estamos habituados a ela. Mas se o estímulo for inofensivo, em breve deixamos de reagir: a resposta vai diminuindo à medida que ele vai sendo repetido. A isso se chama habituação e é o reconhecimento da repetição de estímulos inofensivos e irrelevantes.

Essa resposta depende da ressonância do organismo aos seus próprios padrões de atividades passados, especialmente do passado recente, permanecendo como ressonância de fundo do organismo e de certa forma, tornando-se sua parte integrante. Isso não ocorre com qualquer novo estímulo, precisamente porque é novo e não familiar.

As experiências comuns tornam-se padrões repetitivos ou contínuos, e esses hábitos produzem um padrão de familiaridade que implica num tipo ativo de inconsciência, contrastando com o que não é familiar. O não familiar geralmente nos chama a atenção, e por isso será mais facilmente recordado.

Quanto menor for a diferença entre o presente e o passado, menos conscientes estaremos de qualquer diferença e menos daremos conta desse aspecto da nossa experiência presente (Sheldrake, 1988,1995, p. 279).

Aquilo que é habitual tende a entrar num padrão de auto-ressonância. Repara-se nas alterações e nas diferenças das coisas, e não no que parece igual. Nota-se as fronteiras, e menos as superfícies; mais o que se move, do que o que está parado.

Darwin afirma que a maior parte das assim chamadas leis da natureza são mais como hábitos – que são padrões de atividade nos sistemas auto-organizantes – “*são influenciados por padrões semelhantes no passado por meio da ressonância mórfica, dando a cada espécie e a cada tipo de sistema auto-organizante uma memória coletiva*” (Sheldrake, *Morphic Fields And Morphic Resonance*).

Um exemplo: a girafa se desenvolve como embrião e tem seu crescimento direcionado pelos campos morfogenéticos de sua espécie; por sua vez, esses campos tomam a forma e a organização – *de girafa – “de girafas prévias, pelo processo de ressonância mórfica: uma influência de coisas semelhantes em coisas semelhantes subsequentes”* (Kayzer, 1998, p. cap 5). Estes campos são não-materiais, mas estruturam também os campos do mundo físico.

“Os campos morfogenéticos trabalham imprimindo padrões que não são fixos para sempre, mas se desenvolvem, e foram transmitidos por seus antepassados por um tipo de ressonância não local, chamada de ressonância mórfica” (Morphic Fields And Morphic Resonance).

Armazenagem da memória: ressonância mórfica

As experiências de lembrar e de esquecer podem ser interpretadas em termos de campos mórficos e de ressonância mórfica.

Rupert Sheldrake

As experiências originais dos acontecimentos e sua recordação são influenciadas pelo interesse e motivação da pessoa. É mais fácil lembrar-se do que é significativo e esquecer aquilo que não é. As coisas são importantes apenas em relação ao contexto e ao indivíduo. Isso é o que determina um mesmo evento ser traumático a uma pessoa e não ter maior importância a outra.

Essas diferenças vão determinar a organização dessas memórias por temas, observadas por Stanislav Grof e batizadas como “sistemas COEX” (sistemas de experiência condensada). Do ponto de vista da causalidade formativa, essas hierarquias se organizam de múltiplas maneiras através de campos de nível superior. A capacidade para identificar (reconhecer) e categorizar as coisas depende de padrões de relacionamento, sejam eles visuais, sonoros, táteis, olfativos, gustativos ou conceituais, mesmo se for encontrado um que difira completamente dos anteriores.

Esses tipos de categorias estão ligados a campos mórficos característicos, que organizam as experiências perceptivas de tal modo que possam ser comunicadas e partilhadas a outros membros da mesma espécie. Essas experiências fazem parte de nossa herança biológica e cultural, estabilizadas por nossa própria experiência passada e também pela de muitas outras pessoas.

Qualquer experiência pessoal implica também em categorizar seus vários elementos, mas também em relacioná-los uns com os outros, que se organizam em campos mórficos que se inter-relacionam e interligam os elementos em *TODOS* integrais, atribuindo-lhes significado que podem relacioná-los a mais de um campo de nível superior.

A experiência consciente implica na formação destes padrões de interconexão e as recordações dependem da reconstrução desses padrões de conexão.

Aquilo que se lembra conscientemente não é tanto o que aconteceu em nossos corpos ou no mundo exterior, mas sim, as experiências subjetivas associadas ao que aconteceu. Estas estão organizadas por campos e lembra-las depende da auto-ressonância (Sheldrake, A Presença do Passado, a ressonância mórfica e os hábitos da natureza, 1988,1995, p. 278).

As experiências diárias e não significativas acabam por ter existência temporária e são classificadas como memória de curto prazo, desaparecendo em breve. Isso ocorre pela razão desses conteúdos não estarem ligados a nenhum campo mórfico de nível superior, e por isso, não há padrão coeso para ser recordado. Quando determinada situação é experienciada com consciência, novas conexões num campo de nível superior são estabelecidas e, pela ressonância mórfica, a memória desses conteúdos torna-se disponíveis.

Lembrança e reconhecimento

Para lembrar é necessário pensar. Isso implica na reconstrução ativa e consciente do passado com base em significados e conexões. Já o reconhecimento depende de numa familiaridade consciente com o presente através dos sentidos, sem que haja uma precisão de local, data ou nome. Ambos dependem da ressonância mórfica com padrões anteriores de atividade, semelhantes aos estímulos sensoriais que lhes deram origem. Normalmente é mais fácil reconhecer que lembrar; isso pode ser constatado em experiências psicológicas específicas.

A capacidade de lembrar uma experiência depende do modo como ela se organizou e como se conecta a outras experiências através dos campos mórficos. Para isso é preciso criar ativamente um novo padrão de organização dessas memórias, “passando em revista” e reorganizando-as de uma nova maneira. Esse processo é frequentemente observado na resolução de novos problemas e nas terapias que se utilizam de estados ampliados de consciência, como a Terapia Regressiva e a Constelação Sistêmica.

Na medida em que usamos a linguagem para categorizar e conectar os elementos da experiência, podemos utilizar a linguagem para ajudar a reconstruir de outra maneira os padrões passados. Mas não podemos lembrar conexões que não foram feitas (Sheldrake, 1988,1995, p. 283).

MEMÓRIA COLETIVA E INDIVIDUAL

Segundo a hipótese da causalidade formativa, a memória depende da ressonância mórfica, que ocorre com base na semelhança. A diferença entre um comportamento adquirido e inato é uma questão de grau e não de tipo. Ambos dependem de campos mórficos estabilizados por ressonância mórfica. Ela é inerente a todos os organismos:

(1) Memória coletiva da espécie, herdada por ressonância mórfica dos organismos anteriores da mesma espécie. Quanto mais organismos semelhantes houver e quanto maior for a semelhança do organismo individual a organismos anteriores, maior será a influência cumulativa da ressonância mórfica. Sheldrake afirma que essa ressonância molda e estabiliza os campos morfogenéticos da espécie e do indivíduo, sendo fundamental para a manutenção da forma e preservação dos hábitos da espécie.

Memória coletiva – campo mórfico familiar e universal

A constelação sistêmica transgeracional é baseada no princípio de que os semelhantes entram em ressonância mórfica com os que são semelhantes. Por isso, com maior facilidade uma pessoa vai expressar as virtudes e sofrimentos dos membros da própria família; vai entrar em sintonia com os membros do grupo sociais a que pertence; com quem partilha a língua e cultura e, com todos os outros seres humanos, passados e presentes. Nessa percepção baseia-se o conceito de inconsciente coletivo desenvolvido por Carl Jung.

As memórias coletivas são como hábitos no sentido de que a repetição de padrões de atividade semelhantes apaga a particularidade de cada instancia individual do padrão; todos os passados padrões de atividade semelhante contribuem para o campo mórfico pela ressonância mórfica e fundem-se, e apresentam como resultante uma composição ou média destes padrões semelhantes anteriores.

Jung chamou a estes padrões habituais **arquétipos**, considerando que há tantos arquétipos quantas situações típicas na vida. Essa repetição infundável de padrões mantém-se no campo mórfico e é ativado por ressonância mórfica cada vez que ocorre uma situação semelhante.

(2) Memória individual, em que o organismo individualmente entra em ressonância mórfica com ele mesmo no passado. Essa é a base das recordações e de hábitos individuais.

Memória pessoal – campo mórfico individual

Para Sheldrake, as pessoas mantêm suas próprias recordações por serem mais semelhantes consigo mesmas no passado do que com outra pessoa qualquer, favorecendo uma auto-ressonância altamente específica com os próprios estados passados. Assim, quando o personagem atual tem uma experiência, algumas memórias, principalmente postulados e traumas, por ressonância mórfica podem se manifestar na consciência. Essa é uma nova interpretação para a *memória de vidas passadas*.

APRENDIZAGEM

Um objeto é reconhecido porque, através dos sentidos, são estabelecidos padrões específicos de atividade no campo mórfico específico e estes entram em ressonância mórfica com os mesmos objetos estabelecidos anteriormente. A aprendizagem resulta do estabelecimento de campos mórficos de nível superior que abrangem padrões previamente separados de atividade.

No momento do *insight*, aparece um padrão potencial de comportamento organizado que provoca o surgimento de um novo campo mórfico. Se o padrão comportamental se repetir, o campo se estabilizará por ressonância mórfica, de modo crescente. Este comportamento tornar-se-á mais provável, mais habitual e suas ações cada vez mais inconscientes.

A transmissão da aprendizagem por ressonância mórfica

Em experiências por mais de 20 anos, com ratos em labirintos, descobriu-se que a descendência de pais *brilhantes*, eram mais vezes *brilhantes* do que *estúpidas*, e que a descendência de pais *estúpidos*, era mais *estúpida* que *brilhante*. Mas também se descobriu algo que não se esperava: *ambas* as descendências se tornaram, progressivamente, mais rápidas na aprendizagem do labirinto.

O aprendizado de novos padrões de atividade será possível sempre que aquela espécie apresentar a *capacidade* para aprender determinada habilidade, por exemplo, o aprendizado da fala; de utilizar aparelhos eletrônicos, etc. , desde que receba um estímulo específico para isso.

Quando se aprende alguma coisa, essa aptidão liga o indivíduo aos campos mórficos das aptidões, facilitando a aprendizagem pela ressonância mórfica, não apenas com os professores, mas também com todas as outras pessoas que já empregaram essas aptidões anteriormente.

Os campos das sociedades e culturas humanas

Cada família, grupo ou sociedade têm estruturas sociais, padrões culturais, linguagem, regras escritas ou tácitas, ritos e mitos, costumes e tradições características, que se mantêm mais ou menos estáveis, apesar das mudanças contínuas das pessoas que os continuam. Isso porque (1) os padrões de organização social e cultural continuam, por ressonância mórfica, a manter esses sistemas em todos os níveis de complexidade. Além disso, (2) esses mesmos campos são estabilizados por ressonância mórfica de sistemas semelhantes anteriores e transmitem esses padrões culturais e sociais às novas gerações.

2. *ORDENS DOS SISTEMAS ORGÂNICOS E SOCIAIS*

Apesar da diversidade, os membros de qualquer grupo ou sociedade funcionam como *TODOS mais ou menos coesos* e auto-organizadores. Além de partilhar suas características comuns como o parentesco, por ex., o campo impõe aos seus membros uma variedade de expectativas, obrigações, regras e leis morais.

Queira ou não, a família atual está para sempre vinculada ao sistema de origem do homem e da mulher. O conceito de *lealdade*, desenvolvido por Ivan Boszormenyi-Nagy, estabelece padrões de identificação (inconsciente) individual e sistêmico relacionado ao grupo a que se pertence. O sentimento de lealdade, pensamentos e motivações de cada membro do grupo faz emergir o conceito de '*justiça familiar*'. Quando essa justiça não está presente, manifesta-se "*a injustiça, a má fé, a exploração de uns por outros, dando lugar ao abandono, a desforra, a vingança e até a doença e o infortúnio que se repete*" (Schützenberger, 1997).

A maioria das dificuldades pessoais, assim como problemas de relacionamento são resultados de desordens no sistema familiar. Quando cada um dos seus membros cuida de si sem interferir no destino do outro, encontra seu lugar e assume seu papel na vida, aceitando com confiança o próprio destino. Em palestra proferida em São Paulo (agosto de 1999), Bert Hellinger³ afirmou que "*o grupo familiar se comporta como se fosse dirigido por uma instância comum e superior partilhada por todos, e que atua de modo amplamente inconsciente*".

O psiquiatra C. G. Jung observou que um sofrimento recalcado irradia-se através do ambiente e do tempo, afetando não apenas os filhos, mas várias gerações, expressando-se como uma memória inconsciente, seja a nível individual ou coletivo, reverberando no presente e se expressando como neuroses e algumas psicoses.

Tendo sido missionário na África na época da apartheid, Hellinger percebeu que uma consciência leve ou pesada independe da noção de certo e errado: fala da natureza (e da necessidade) dos vínculos. Observou que os grupos humanos se movem dentro de certas ordens pré-definidas. Num sistema harmônico, as interações entre os indivíduos do sistema entre si e com outros sistemas acontecerão de forma que as **necessidades fundamentais** determinadas pelos campos mórficos sejam reconhecidas e honradas, a saber:

- "*A necessidade de pertencer, isto é, de vinculação*", isto é, todos (do sistema) têm o mesmo direito a pertencer;
- "*A necessidade de ordem*" (hierarquia) de inclusão no sistema, dando "*a segurança proporcionada pela convenção e previsibilidade sociais*";
- "*A necessidade de preservar o equilíbrio entre o dar e o receber*", que é a equivalência entre o que se recebe (ou se toma) e o que se dá.

³ Bert Hellinger, sacerdote e teólogo, filósofo e psicoterapeuta alemão, criador de uma nova abordagem de psicoterapia sistêmica, a Constelação Sistêmica familiar. Hoje desenvolve seu trabalho sob o nome de Movimentos da Alma.

AS ORDENS DO AMOR

As violações dessas Leis podem ser a causa oculta das tragédias familiares, notadamente o suicídio, acidentes e doenças graves. As três Leis ou “ordens do amor” são:

Lei de pertencimento - a vinculação

*E, para todo ser humano, o povo a que pertence, sua língua, sua raça,
sua cultura são as únicas possíveis, e, portanto, as certas para ele.*

Bert Hellinger

Cada grupo social (a família, o povo) se mantém unido graças às suas crenças, mantidas pelas normas e pelos vínculos entre os membros, conferindo-lhe uma identidade e um senso de pertencimento. Essa identidade comum exclui o diferente, o que dá e mantém a segurança de seus membros.

A *alma do grupo*, porém, não aceita exclusões e todos os membros do sistema têm igual direito ao pertencimento. Dessa forma, quando alguém é ou está sendo excluído do grupo, algum outro membro da família (geralmente alguma criança, capaz de um amor incondicional) inconscientemente toma o lugar do excluído e *adoece por amor*. Uma exclusão impede o fluxo harmonioso da existência, e o acolhimento, o *SIM*, libera o organismo-sistema para atingir novo equilíbrio.

Moreno⁴ chama *átomo social*⁵ ao grupo de pessoas significativamente representativas na vida de cada um, composto pelo entrelaçamento de afinidades de seu mundo social. Assim, pertencem ao átomo social todos que tomam ou tomaram parte desse sistema ou *campo mórfico*⁶:

- *Os irmãos do cliente, inclusive os que morreram ou foram abortados;*
- *Os pais e seus irmãos (tios), os avós, eventualmente algum bisavô ou até mesmo um antepassado ainda mais distante, principalmente se teve um mau destino;*
- *Pessoas sem relação de parentesco cuja morte, desaparecimento ou desgraça possibilitou o acesso de alguém ao grupo familiar ou qualquer outra vantagem, isto é: os parceiros anteriores, cônjuges, ou noivos dos pais e dos avós;*
- *Aqueles que, através de sua morte ou destino, trouxeram uma vantagem para a família. Por exemplo, através de uma herança considerável;*
- *Todas as vítimas que sofreram nas mãos de um membro da família; aqueles que a custa de sua saúde e vida, a família enriqueceu. Por exemplo, pela escravidão.*
- *Aqueles que foram vítimas de atos violentos impetrados por membros de nossa família, especialmente aqueles que foram assassinados;*
- *E finalmente, se membros de nossa família foram vítimas de crimes, principalmente se perderam a vida, os assassinos também fazem parte da família. (Se forem excluídos ou rejeitados, serão também representados por membros familiares sob a pressão da consciência coletiva).*

⁴ Moreno é o criador do Psicodrama, técnica de abordagem psicoterápica que utiliza o drama para entrar em contato com o inconsciente.

⁵ **Átomo social** é definido como a representação do mundo pessoal de alguém, como que “o núcleo interno e externo das pessoas emocionalmente vinculadas ao sujeito.”

⁶ Resumo baseado nos textos de Bert Hellinger: *Religião, Psicoterapia e Aconselhamento Espiritual* (2000); *A Diferenciação das Consciências* (2007) e *Palestra proferida em São Paulo* (agosto de 1999).

Percebemos que, para o terapeuta, a informação dos fatos ajuda a incluir o excluído no sistema, encurtando o processo terapêutico. A terapeuta Anne Ancelin Schützenberger (1997) sugere a utilização do *genossociograma* na contextualização e na exploração do inconsciente familiar, auxiliando também no desenvolvimento da terapia.

Só o amor pode liberar-nos. O amor alcança o outro como reconciliação e paz, possibilitando à “*consciência coletiva estar a serviço do mesmo amor por todos que fazem parte dessa família*” Bert Hellinger (2007). O amor se expressa “*como dedicação ao outro, como ele é*”; caso contrário, o amor “*é sentido como dor por aquilo que fizemos de mal para o outro*”.

Além dos sentimentos primários (reação imediata aos acontecimentos) e secundários (sentimentos que substituem os primários), Hellinger afirma que existem os "sentimentos adotados": sentimentos assumidos de outras pessoas e que são dirigidos a terceiros, mas que estão diretamente relacionados ao campo de consciência familiar (campo Mórfico original), e é percebido quando um sentimento de amor e lealdade leva um membro (geralmente mais novo) a assumir o destino do excluído. Ou a repetir seu destino: a criança que, por lealdade e por amor, assume o comportamento da pessoa excluída.

Hellinger fala ainda do "movimento interrompido", isto é, a interrupção do desejo de uma pessoa (geralmente durante a infância) de buscar ou ir em direção aos pais.

Lei de Precedência – a ordem nas relações

Como já vimos, a vida no mundo físico se manifesta através de organizações estruturais de múltiplos níveis: hólons dentro de hólons. Esses sistemas naturais só subsistem por *manterem a ordem*. Se não fosse assim, a cada momento ou no mínimo, a cada ciclo, nosso corpo, nosso ambiente, apresentaria uma forma diferente, já que todas as moléculas e átomos estão em constante troca com o meio.

Essa auto-regulação está presente em qualquer organização – seja numa escola, numa empresa, num país – e se expressa nas relações entre os elementos. Os ***mais antigos têm precedência*** em relação aos mais novos – a ***lei de precedência*** – e diz aos mais novos para não se imiscuírem nos assuntos dos mais antigos, isto é, daqueles que entraram antes no sistema (basta lembrar como nos sentimos quando *alguém mais novo* toma nossa frente na fila, numa promoção, na família...).

Essa ordem hierárquica vale para cada membro do grupo: é ‘*o lugar que lhe pertence de acordo com a sua idade*’ e com sua entrada no sistema. Em termos práticos: os pais têm precedência em relação aos filhos, e o primeiro filho tem precedência em relação ao segundo.

O trabalho de Bert Hellinger é fruto da experiência e sabedoria de uma vida inteira: como padre e missionário na África do Sul, filósofo, professor e diretor de escola, Psicanalista, terapeuta Corporal, de Família e de Grupo. Seu olhar diferenciado e profunda compreensão da Vida possibilitaram o desenvolvimento dessa abordagem inovadora que é a CONSTELAÇÃO FAMILIAR para dissolver os emaranhados cármicos e possibilitar uma solução sistêmica capaz de beneficiar e mudar a vida de milhares de pessoas, além de ensinar essa técnica a centenas de profissionais. Em seus grupos terapêuticos observamos que “a força primordial de seu trabalho vem de sua habilidade refinada de ouvir a autoridade de sua própria alma”. Para Hellinger, ver “o que é” em oposição a aceitar cegamente o que está sendo dito, é a única garantia, a única proteção real que temos contra a sedução de uma falsa autoridade, não importa qual ou quem. Hellinger já escreveu 83 livros, alguns já traduzidos em 30 idiomas. Sua obra pode ser encontrada em vários CDs, DVDs, áudio-livros e livros.

O filho se mantém no seu lugar dentro da hierarquia, *'até que cria sua própria família e nela assume imediatamente com seu parceiro, o primeiro lugar'*. Agora a nova família tem primazia perante a antiga (Hellinger, 2007).

A compensação: equilíbrio entre o dar e receber

Já vimos duas das leis que regem um sistema: de *pertencimento* e de *precedência (a ordem de entrada)*. A terceira *necessidade* é de que haja *equilíbrio entre o dar e o receber* para que o sistema mantenha sua integridade, a "homeostase familiar"⁷.

Para uma boa consciência, é necessário um equilíbrio entre o que recebo e dou. Se tomo ou recebo algo sem devolver com equivalência, sinto-me culpado e em dívida. Quando não é possível a devolução *com algo equivalente* (por exemplo, perante nossos pais), alcançamos o equilíbrio ao passar adiante *algo equivalente* (por exemplo, aos nossos filhos) (Hellinger, 2007).

As *'contas familiares e sociais'* também precisam ser equilibradas, incluindo as partilhas, heranças e dotes; os favorecidos e desfavorecidos; as injustiças. Também fazem parte da *família* aqueles que tomaram o lugar dos que morreram ou partiram. Num 'livro de contas familiar', é necessário que se mantenha em dia os créditos e débitos, as obrigações e méritos entre os membros, *"sem o que, de geração em geração, se pode ter uma série de problemas"*.

O "equilíbrio entre o dar e receber" poderá estar no crédito, no **positivo** – quando o parceiro dá algo bom para o outro, para compensar, o outro faz algo um pouco melhor – ou no débito, no **negativo**. O filme *A Guerra dos Rose* (Vitto, 1989) é um exemplo do saldo negativo.

Os *'observadores atrás do espelho'*, da Escola de Palo Alto, identificaram essa dança entre o *'dar e receber'* no atendimento às famílias com membros psiquiátricos. Perceberam que as comunicações e comportamentos do membro considerado perturbado *"era apenas uma parte de uma dança geral e recorrente daquela família"* (Hoffman, 1981, p. Cap. I).

- Se aquele membro *perturbado* melhora, outro membro de sua família piora, numa sequência de *"curiosos ciclos que se reforçam a si mesmos"* (Bateson, *Mind and Nature*, 1978), como *"se a família necessitasse da presença de uma pessoa com um sintoma"* (Hoffman, 1981, p. Cap I), impedindo dessa forma sua destruição.

Nas famílias disfuncionais, o membro desviado é quem mantém a ordem, trazendo ao grupo a oportunidade de promover a solidariedade e pôr em relevo as regras e normas, e, portanto, sua coesão. Podemos perceber esse movimento quando ocorre a exclusão de um dos membros do casal. Um dos filhos se torna hostil e dessa forma atrai a intervenção do genitor ausente. Esta ação tende a restabelecer a conexão entre os pais, ainda que de modo tenso e agressivo.

O atendimento equilibrado das necessidades mútuas costuma trazer harmonia aos relacionamentos. Quando essas necessidades básicas e instintivas não são satisfeitas, essas forças *"limitam nossas escolhas e nos impingem, queiramos ou não, a objetivos que entram em conflito com os nossos desejos e prazeres pessoais"* (Hellinger, 1998). Além disso, algumas reações tendem a gerar culpa (vingança, por exemplo), o que dificultará ainda mais o relacionamento.

⁷Homeostase familiar: termo criado por Jackson, ao comparar a família a um *servomecanismo* com um "governador", como num "sistema de informação fechado em que as variações do produto ou o comportamento são alimentados para corrigir a resposta do sistema".

TENTATIVAS PARA EQUILIBRAR AS CONTAS: A VINGANÇA

Quando alguém faz algo de mau, surge no outro a *necessidade de vingança* (Hellinger, 2007). O mesmo acontece na consciência coletiva do sistema: a pessoa que se identificou (inconscientemente) com o excluído ou ofendido, o representará, numa tentativa de reequilibrar o sistema. Ivan Boszormenyi-Nagy⁸ observa que esse mecanismo compensatório da dinâmica familiar pode atravessar gerações, como num *Livro de Contas* multigeracional.

No *Livro de Contas* “*estão ‘anotadas’ todas as obrigações e dívidas que devem ser pagas com o tempo*”, que deverão ser retribuídas independentemente do tempo transcorrido, “*não necessariamente pelo doador original*”, mas podendo ser deslocada para um futuro descendente. Boszormenyi-Nagy sugere que a presença de um sintoma “*pode ser o sinal de que há uma excessiva acumulação de injustiça*”, que se manterá, caso não seja levada em consideração a história do problema.

Os terapeutas de família John Weakland e Haley (Hoffman, 1981, p. 109) levantaram a hipótese de que o comportamento irracional dos esquizofrênicos seria consequência dessas desordens estruturais (Hoffman, 1981, p. 107) e não simplesmente das mensagens confusas ou contraditórias⁹ dos parentais. Para Hellinger, a esquizofrenia não é uma doença pessoal, mas uma desordem do sistema. Em sua experiência, a esquizofrenia revela um assassinato numa geração bem anterior, e a colocação dos antepassados numa fila permite descobrir em que geração isso aconteceu. “Mas isso sempre pertence a um contexto maior de um destino a que todos estavam entregues” (Hellinger, 2005).

➤ **A EXPIAÇÃO**

Ao causar sofrimento a alguém, “*queremos sofrer para equilibrar*” e assim retornar à boa consciência. Essa é apenas uma forma de *expiar a culpa*, já que nosso sofrimento não repara a dor impetrada ao outro, “*e tem pouco ou nada a ver com o amor*” (Hellinger, 2007).

Observo que esse complexo sistema de contabilidade funciona desde que as obrigações de cada membro estejam relativamente flexíveis, permitindo, periodicamente, restabelecer uma ordem mais justa.

Durante o processo terapêutico, essas ataduras veladas vão se revelando e assim facilitando a dissolução desses emaranhados (bloqueios), com a conseqüente liberação dos envolvidos. Quando reconhecemos que todos têm igual direito ao pertencimento, que cada pessoa tem seu bom lugar e se experimenta uma justa medida entre o dar e receber, sentimos que o Amor sustenta tudo e tudo, em harmonia, se liberta.

➤ **DESORDEM NO SISTEMA FAMILIAR**

Numa família harmônica, os limites são claramente definidos: o casal protege sua intimidade; pais e filhos mantêm limites necessários e flexíveis; os irmãos terão suas próprias limitações, respeitando-se a hierarquia, “*de tal modo que se deem às crianças tarefas e privilégios de acordo com o sexo e idade e determinados por sua cultura familiar*” (Minuchin, 1995).

No sistema familiar “*todos estão em ressonância com todos*” numa ordem que não pode ser mudada. A ordem do amor na **relação de casal** ocorre “*entre pessoas iguais que reconhecem o outro como alguém do mesmo valor*”

⁸ Iván Böszörményi-Nagy (1920 - 2007) foi um psiquiatra húngaro-americano. Desenvolveu a abordagem contextual de psicoterapia familiar e individual, envolvendo as dimensões individual, interpessoal, existencial e sistêmica da vida familiar. Obtido em "wikipedia.org".

⁹ Um intercâmbio repetitivo chamado de duplo vínculo. No espanhol, “doble atadura”.

(Hellinger, 2007). Essa ordem começa com o respeito do *“homem por seu pai e da mulher por sua mãe”*. Quando os filhos não respeitam seus pais, não conseguem estabelecer um vínculo com um parceiro.

“Filhinhas de papai já tem o seu homem (o pai) e não precisam de nenhum outro”. Para que a mulher se torne capaz de *“ter e respeitar um outro homem”*, tem de se colocar *“ao lado de sua mãe como menor”*. O mesmo vale para os homens em relação ao pai (Hellinger, Histórias de Amor, 2007).

Se o homem tiver o seu lugar entre os homens e a mulher tiver seu lugar entre as mulheres, no momento em que se encontram já não são mais adolescentes e sim, homem e mulher. Isso tem força.

Hellinger, 2007

“A hierarquia é a ordem da paz” e “está a serviço da paz na família e no grupo”, no amor e na vida. Ela *“é violada quando alguém que veio mais tarde quer assumir uma posição superior”* àquela que lhe cabe hierarquicamente no sistema. Isso acontece frequentemente com a criança, que, por amor, quer assumir algo por seus pais (Hellinger, 2007).

Assumir algo por alguém traz como consequência uma oposição entre a consciência coletiva do sistema, que exige o retorno à ordem, e o desejo do membro mais jovem de transgredir essa ordem. Essa transgressão está fadada ao fracasso (ninguém pode assumir nada pelo outro), e com frequência, a consequência à *“violação da hierarquia é a morte”*. Nas palavras de Hellinger, *“o herói trágico quer assumir algo por aqueles que lhe precedem. Contudo, ele não apenas fracassa, ele morre”* (2007).

Nagy vê a família como *“pessoas atrapalhadas atuando em uma rede de obrigações cada vez mais densa”* que imaginam estar *“evitando todo dano à família ou a seus membros individuais”*. Assim, com uma boa consciência, *“o interesse individual se sacrifica pela sobrevivência do grupo”*.

Identificamos essa atitude no comportamento do(s) filho(s), que tentam mediar e manter a união dos pais. É possível também que o filho se sacrifique, apegando-se simbioticamente ao genitor com a maior privação emocional. Ou ainda, que filhos amargurados pelas atitudes agressivas de seus pais, levem para seu casamento os ressentimentos, fazendo-os recair sobre sua esposa e mantendo dessa forma, sua lealdade aos pais. Essa redefinição de Nagy para o comportamento sintomático (*como prova de lealdade familiar*) indica o sacrifício do desenvolvimento individual aos interesses do grupo, e reflete uma epistemologia mais circular.

➤ UM CASO DE LEALDADE FAMILIAR

A lealdade familiar é “a mais importante dívida” que cada filho tem por seus pais (ou substitutos) pelo amor, cuidados, e tudo o mais que recebeu desde o nascimento até o momento de se tornar adulto (Schützenberger, 1997, p. 29). Para quitar essa dívida transgeracional os pais devem dar a seus filhos o que receberam de seus pais.

Telma¹⁰, de cinquenta e poucos anos, nasceu e viveu uma infância em muita pobreza. Com muitos irmãos mais novos, era a responsável por trazer a lenha e preparar a comida – *“muitas das vezes coletando algo que a mata oferecia”*¹¹.

¹⁰ Nome fictício para uma cliente atendida em meu consultório no ano de 2008.

¹¹ Em itálico, palavras da cliente.

Foi crescendo e logo foi trabalhar para alguma família. *“Assim era uma boca a menos, um lugar a menos e um dinheiro a mais para os que ficavam”*. Telma trabalhou e estudou muito. Fez concurso público. Casou-se com um homem companheiro e amigo. Tem uma boa casa e uma boa vida. Mas se *“sente sempre em dívida com os que ficaram”*. Um sentimento de lealdade à família de origem a impede de usufruir o que conquistou. Se *“sente sempre não merecedora e desvalorizada”*, o que provoca crises depressivas e de agressividade.

Na finalização de uma sessão terapêutica, ainda em estado de transe (estado ampliado de consciência), Thelma *“olha”* para os pais e para o lugar de sua infância com profundo amor e reverência, sentindo-se pequena diante deles, que são sempre grandes (pois lhe deram a Vida), pedindo sua bênção *“se faço algo bom de minha vida”*. Oferece a eles, com gratidão, o seu sucesso. Esse procedimento pode compensar o muito que recebeu, permitindo a Telma desfrutar da Vida, aceitando-a exatamente como ela é.

Neste caso, a coalizão contra a outra pessoa deve manter-se oculta. Quer dizer, o comportamento que indica que existe semelhante coalizão será negado ao nível metacomunicativo (Minuchin, 1995, p. 43).

Assim, a autoridade do pai (ou da mãe) excluído da coalizão é rechaçada, e a autoridade do genitor *favorito* depende do apoio da criança. Isso torna a *criança grande* e os *pais (inclusive o favorito)* pequenos, impedindo-os de atuar de forma a manter a disciplina.

Haley (Sluzki) afirma que *“quando não há definição clara nos níveis hierárquicos, a luta pelo poder pode expressar-se como uma ‘necessidade’ do sistema”*. *“Como consequência, não existe uma simples comunicação; toda mensagem é condicionada por outra mensagem em um nível superior”*, continua Lynn Hoffman, e nessa confusão pelo poder, dificilmente haverá algum acordo naquilo que *“qualquer membro dessa família trate de dizer ou fazer”* (Hoffman, 1981).

Na visão de Haley, a disfunção ou patologia da família está centrada no poder – ou na ausência dele. Em minha percepção, a patologia não está exatamente no poder, mas nas leis que regem o sistema, e a estrutura hierárquica é uma delas.

Numa família harmônica, os limites são claramente definidos: o casal protege sua intimidade; pais e filhos mantêm limites necessários e flexíveis; os irmãos terão suas próprias limitações, respeitando-se a hierarquia, *“de tal modo que se deem às crianças tarefas e privilégios de acordo com o sexo e idade e determinados por sua cultura familiar”* (Minuchin, 1995).

No sistema familiar *“todos estão em ressonância com todos”* numa ordem que não pode ser mudada. A ordem do amor na **relação de casal** ocorre *“entre pessoas iguais que reconhecem o outro como alguém do mesmo valor”* (Hellinger, 2007, p. Cap. O amor entre homem e mulher). Essa ordem começa com o respeito do *“homem por seu*

Sem perceber, nos movemos entre a consciência leve e pesada. Estas duas consciências se relacionam diretamente com o nosso desejo de pertencer e de sermos amados, que passa longe dos conceitos de certo e errado. São movimentos que acontecem espontaneamente no campo emocional/mental inconsciente dos sistemas, sem que as pessoas se deem conta.

Por exemplo: se todos da família adoecem e apenas uma pessoa permanece em plena saúde, inconscientemente ela se sente com a consciência pesada, e deseja adoecer no lugar deles. Se isso acontece, sua consciência se torna leve.

É muito comum observar isso entre pais e filhos. No caso de casais que brigam, é comum um dos filhos se tornar uma criança-problema. Isso acontece porque a criança se identifica inconscientemente com o genitor mais humilhado e ferido – e age assim por amor. Os terapeutas de Família estão bem familiarizados com esse processo, e sugerem que, num processo de separação, os filhos deveriam ficar com aquele que mais respeita o ex-parceiro.

pai e da mulher por sua mãe". Quando os filhos não respeitam seus pais, não conseguem estabelecer um vínculo com um parceiro.

"Filhinhas de papai já tem o seu homem (o pai) e não precisam de nenhum outro". Para que a mulher se torne capaz de *"ter e respeitar um outro homem"*, tem de se colocar *"ao lado de sua mãe como menor"*. O mesmo vale para os homens em relação ao pai (Hellinger, Histórias de Amor, 2007).

Se o homem tiver o seu lugar entre os homens e a mulher tiver seu lugar entre as mulheres, no momento em que se encontram já não são mais adolescentes e sim, homem e mulher. Isso tem força.

Bert Hellinger, 2007

3. QUEM SOMOS NÓS: ATOR E PERSONAGENS

A vida no mundo fenomenológico é comparada a um grande *'drama cósmico'*, que não deve levar muito à sério. A palavra DRAMA é derivada da palavra grega *dran*, que significa *"eu faço"*. Nas artes cênicas comporta o significado de "forma narrativa em que se figura ou imita a ação direta dos indivíduos" e "texto em verso ou prosa, escrito para ser encenado" ou ainda "qualquer narrativa no âmbito da prosa literária em que haja conflito ou atrito".

Ao compararmos a vida ao enredo de um filme, de uma peça de teatro ou de uma novela, os roteiristas-atores são a Alma imortal, que continuam existindo conscientemente depois de terminado cada espetáculo. Os personagens somos nós, egos mortais e limitados, criados e desenvolvidos pelo Ator a cada nova história: nascemos, vivemos, representamos especificamente um papel naquele drama e morremos ao final da temporada.

Cada personagem deverá realizar determinadas tarefas e desenvolver certos talentos tanto no campo mental quanto no emocional. Para isso, toma de seus pais o corpo físico – um corpo de ação – herdando não só características físicas, mas também virtudes e sofrimentos da família de origem, num local e tempo que lhe proporcionam as experiências de que o Ator necessita para seu desenvolvimento.

Desenvolver significa tirar o invólucro, que para a Alma Imortal é tomar consciência e influenciar cada vez mais o mundo físico. Assim como o Mestre Jesus, que no batismo é inundado pelo Espírito Santo e diz: *"O Pai e Eu somos Um"*, o Ator-criador, Pai da criatura-filho-personagem, a partir de agora se expressa integralmente nos mundos mais densos em todo seu Poder, Sabedoria e Amor. Mas este é um longo caminho, onde cada filho–personagem evolui para a Luz através de sua forma peculiar de sentir, pensar e se expressar no mundo, desenvolvendo a sensibilidade, a inteligência e a vontade para servir ao Pai-Ator.

Eventos traumáticos fincam suas raízes nos campos de memória familiar e individual, irradiando-se através do ambiente e do tempo, afetando não apenas os filhos, mas várias gerações. Expressam-se como a erva daninha que cresce e sufoca aspirações individuais e coletivas, reverberando no presente como neuroses e algumas psicoses.

Parto da premissa de que somos personagens finitos criados pelo Ator (Alma Imortal), e que, ao fim de cada experiência terrena (período compreendido entre a concepção e a morte no mundo físico), o personagem deveria morrer e todo o aprendizado realizado ser incorporado pela Alma Imortal, o Ator. Mas nem sempre isso acontece, e as causas derivam do que chamamos *"morte incompleta"*.

➤ A MORTE

Aquilo que nasceu vai morrer – mas morre apenas o corpo, e o Ser imortal, o Ator construtor do personagem, é imortal e seu corpo, incorruptível. Há várias formas de morrer, mas a menos que seja procurada, cada personagem deixará a vida do modo e no instante marcado para tal – e isso é cármico.

A morte natural ocorre com tranquilidade por acontecer no momento em que o campo mórfico preparado para aquela vida, começa a se desintegrar, liberando o moribundo de apegos e medos. Já quando a morte ocorre de forma violenta ou antes do momento apropriado, o campo mórfico apresenta certa integridade e será rompido de forma brusca, gerando perturbação e medo de morrer. Neste caso, consideramos que o processo da morte está incompleto.

Na morte incompleta, a pessoa pode permanecer aprisionada no medo e no apego à vida, o que pode provocar sua permanência nas regiões umbralinas, próxima à crosta da terra. Esse personagem que foi criado pelo ator para viver uma determinada história, por determinado tempo numa época e local específicos, pode se aproximar de outro personagem, contaminando-o com seu sofrimento.

Os motivos mais comuns para que o personagem não se liberte para o mundo espiritual são:

1. Personagem cuja vida foi de muito sofrimento, uma morte violenta ou inconsciente (sedado num CTI, por exemplo) – ou que represente um papel muito intenso, como por exemplo, *Dom Jerônimo* (Tarcísio Meira) na minissérie *A Muralha* ou *Carminha* (Adriana Esteves), da novela *Avenida Brasil*;
2. Personagens cheios de desejo (crenças, vícios, apegos) ou aversão (raiva, mágoa, ressentimento, vingança, etc.), ou que deixou projetos inacabados;
3. Morte súbita (acidente, por exemplo) seja consciente ou inconsciente (sedado num CTI) ou provocada por muito sofrimento;
4. Desconhecimento ou incompreensão do estado post-mortem ou do mundo espiritual.

O corpo físico nos mantém ancorado no plano físico, na crosta da Terra. Na morte, o corpo denso morre, mas a alma individualizada não. Como o corpo espiritual (corpo astral) é muito sutil, é natural a pessoa se sentir atraída para o mundo astral.

Quando ela não segue esse movimento natural, pode permanecer perambulando pelo plano físico, desejoso de encontrar uma solução, isto é, uma nova âncora, que o faça sentir-se participante (embora não possa ser visto) do mundo físico. Isso pode fazê-lo aproximar-se de pessoas *encarnadas*.

Essa aproximação pode acontecer que: (1) o personagem se mantenha no campo mórfico do Ator, e quando este criar um novo personagem, o primeiro se projete no campo mórfico do segundo, mantendo-se ali – e nesse caso trata-se de um processo anímico, de vida passada; (2) que o primeiro personagem se mantenha no campo mórfico familiar, e quando encontrar condições favoráveis, isto é, por ressonância mórfica, se aproxime daquele descendente capaz de identificar-se com seu sofrimento; (3) pode acontecer do personagem *desencarnado* se aproximar, por ressonância mórfica, de uma pessoa qualquer que tenha corpo físico – e nesse caso será um obsessivo.

O processo é sempre o mesmo e dá conta tanto dos personagens de vida passada (herança espiritual) quanto dos antepassados (herança familiar) e dos personagens intrusos (obsessões – CID-10 F44.3).

É importante observar que independentemente da origem dos sintomas atuais (fobias, transtornos do humor, padrões de comportamento repetitivos, postulados de caráter, etc.) o terapeuta deve auxiliar o cliente a resolver seu conflito da forma mais rápida e eficiente possível.

II- O que é digno de curar

Um ser ou organismo saudável encontra-se num estado geral de bem-estar, em harmonia com seu meio e cumprindo os altos fins de sua existência. Isso significa que não apresenta sintomas ou sinais.

Se o pai da homeopatia, o médico Samuel Hahnemann conhecesse o conceito de Campo mórfico, certamente substituiria a palavra energia vital, e sua definição de saúde diria que o **campo mórfico**:

“... dá vida e anima o organismo¹², governa com poder ilimitado e mantém todas as partes do organismo em funcionamento harmonioso e admirável, com respeito tanto a sensações como a funções, de modo a que o espírito dotado de razão que vive dentro de nós, pode empregar livremente este instrumento vivo e são nos mais elevados propósitos da nossa existência.”

§11 do Organon ou Arte de Curar

Por outro lado, o campo mórfico “ativo, espiritual, presente em todo o organismo, é primeiramente afetado”, por ressonância mórfica, pela influência dinâmica de outro campo mórfico (inimigo à vida) lembrando padrões habituais do passado e manifestando as perturbações conhecidos por sintomas mórbidos (Hahnemann).

1. DEFINIÇÃO DE SINTOMAS (BLOQUEIOS):

Sintomas e sinais são alterações que se expressam tanto no campo físico, como no emocional, mental, social ou energético, e podem ser percebidos pela própria pessoa/grupo social, etc. ou por outro observador. Indicam a presença de um campo mórfico mais antigo, e, portanto, com maior poder sobre o campo atual para produzir desequilíbrio em um ou mais dos campos de manifestação. Sua valorização depende da cultura.

Seguindo um sintoma ao longo da linha do tempo – por exemplo, o abandono – sua origem, invariavelmente, estará num *fato real de dano à integridade física*. Para curá-lo de modo permanente, será necessário encontrar a primeira vez que esse sintoma se manifestou e dessa forma não aconteça uma metástase do sintoma.

Essa observação é confirmada durante o processo terapêutico, em que muitos dos sintomas apresentados pelos clientes não encontram correspondência em sua história biopatográfica, mas eram manifestações de sofrimentos e hábitos (memórias) herdados do campo mórfico familiar e do campo mórfico de personagens do passado (Vida passada), que se manifestavam no personagem presente por ressonância mórfica, com o objetivo final de restabelecer a harmonia no sistema (campo mórfico primário) da Alma. A presença de energias ou personagens intrusos é com frequência, outra fonte de sintomas.

Imaginando-nos como personagens individualizados de muitos dramas, o terapeuta conduz o personagem atual (cliente) na identificação do conflito e desidentificação do personagem passado, desfazendo os bloqueios e restabelecendo a ordem para que a pessoa possa libertar-se e viver sua própria história, sintonizado apenas consigo mesmo.

¹² Que pode ser uma planta, um animal, uma pessoa, uma sociedade, uma empresa, um país....

“O Universo exprime uma tendência para a ordem; no organismo viável esta tendência mórfica torna-se a tendência para a coordenação orgânica (que ainda compreendemos mal) e no espírito humano são torna-se a busca de unidade que dá origem à religião, à arte, à filosofia e às ciências” (Whyte, 1974).

III- A Terapia Transgeracional

A Terapia Transgeracional é uma abordagem psicoterapêutica desenvolvida na prática de meu consultório, a partir dos conhecimentos adquiridos na Psiquiatria, na Homeopatia, na Hipnoterapia Regressiva, na Terapia de Família, na Constelação Familiar e na compreensão do sentido da existência apresentada pela filosofia espiritualista. Tem por objetivo aliviar o sofrimento e restaurar o equilíbrio físico, mental e espiritual da pessoa, para que ela volte a expressar a alegria e o encanto de viver com liberdade de Ser o que é.

Os bloqueios energéticos podem ter se originado no ambiente físico, como alterações climáticas, no ambiente e na herança familiar (inclusive ligadas à estrutura da pessoa), em vida passada, ou transmitidos por personagens intrusos.

Trata-se de um modelo terapêutico baseado na constatação de que cada pessoa é um sistema único composto pelo corpo físico (o mais denso), corpo vital (que mantém o funcionamento adequado do corpo), corpo psíquico (responsável pelas percepções, emoções e pensamento lógico) e mental superior (sede da Alma), e que seu sofrimento (os sintomas) decorrem de bloqueios e identificações com padrões de pensamento e sistemas de crenças representados e presentes na memória do inconsciente coletivo¹³. Através da indução a estados ampliados de consciência, assim como a Terapia Regressiva, a Terapia Transgeracional promove a identificação e dissolução desses padrões que causam sofrimento, possibilitando o retorno à liberdade de ser e de viver.

1. CAMPO MÓRFICO INDIVIDUAL, pela manutenção de hábitos (memórias) decorrentes de crenças e padrões de comportamento presentes no tempo e no espaço. Podem ter se originado do campo mórfico individual (personagem atual), através da construção de hábitos que tiveram início na existência atual - Inconsciente pessoal (personagem atual);
2. CAMPO MÓRFICO ESPIRITUAL, (personagens do passado - Vida Passada), pela manutenção de hábitos herdados de personagens passados, mas do mesmo campo mórfico original - Inconsciente individual e coletivo e herança espiritual;
3. CAMPO MÓRFICO FAMILIAR, inconsciente, pela manutenção de hábitos herdados do Campo mórfico familiar e personagens passados, herança familiar ancestral;
4. CAMPO MÓRFICO INTRUSO, um campo mórfico desconhecido pode, por ressonância mórfica, acopla-se ao campo mórfico da pessoa. Campos mórficos Intrusos podem ser apenas projeções mentais (formas de pensamento), projeções emocionais, objetos astrais, ou personagens intrusos. Os personagens intrusos podem ter sido parceiros ou conhecidos de vida passada ou desta vida, ou alguém totalmente desconhecido. Obrigatoriamente esse acoplamento áurico (mórfico) se fará por ressonância mórfica, e poderá provocar sintomas de *processo obsessivo*, diagnosticados como *transtornos de transe e possessão* - (CID-10 F 44.3).

Instrumentos de trabalho:

As psicoterapias fenomenológicas como a Terapia Regressiva e a Constelação Familiar Sistêmica são instrumentos valiosos para a abordagem dos Campos. A pedido do João Carvalho, será abordada de forma prática, principalmente a utilização da técnica da Constelação Sistêmica Transgeracional.

¹³ Campo mórfico.

Tudo aquilo que se experienciou de forma consciente, sejam ações, sensações, sentimentos, pensamentos e intuições, deixam suas marcas no campo mórfico e podem ser acessadas por ressonância mórfica. Assim, quando se tem determinada experiência, se já aconteceu algo semelhante no passado, resultará numa resposta motora, verbal ou emocional que tenderá, automaticamente, a ser a mesma do passado. Na medida em que se está consciente e atento, as respostas poderão ser novas e criativas.

Como se está imerso no campo mórfico familiar, por ressonância mórfica, pode haver uma identificação com determinada questão ou com um ancestral, e guiado por uma força maior – a força do próprio sistema que deseja voltar à harmonia – o familiar de hoje será levado a representar em atitudes e ações, o sofrimento do passado. A Constelação Sistêmica trata essas questões sistêmicas com excelentes resultados.

A cura pela Terapia Transgeracional utilizando a Constelação Sistêmica Transgeracional.

A partir de uma abordagem individualizada do cliente, o Terapeuta Transgeracional realiza o diagnóstico com vistas ao tratamento, reabilitação, cura e prevenção das diferentes formas de sofrimento. Essa terapia apresenta bons resultados nos transtornos ansiosos e depressivos; no pós-trauma; na bipolaridade; em medos e fobias; nos transtornos de natureza espiritual; no déficit de atenção e nas dificuldades de aprendizado e do entendimento, de relacionamento e no trabalho; doenças psicossomáticas e estados de transe e possessão (CID10: F44.3). Essas desordens podem ter sua origem na herança familiar e/ou no campo espiritual.

A Terapia Transgeracional apresenta vários modos de abordar o problema, adequando-se às necessidades terapêuticas do cliente como sessões individuais e em grupo, e pode ser utilizada a Terapia regressiva, a Constelação Sistêmica Transgeracional, e outras técnicas de limpeza necessária à reestruturação do campo mórfico pessoal ou do grupo. Tem por objetivo promover a maior harmonia possível nos sistemas em que a pessoa está inserida: consigo mesma e com seu corpo, com seu campo familiar, profissional e empresarial.

- a. A Hipnoterapia Regressiva
- b. A Constelação Sistêmica Transgeracional (técnica desenvolvida por Bert Hellinger)
- c. Limpeza do Campo Mórfico

Imaginando cada EGO como personagem individualizado de muitos dramas, o terapeuta conduz o personagem atual (cliente) A IDENTIFICAR o conflito e DESIDENTIFICAR o personagem intruso, DESFAZENDO OS BLOQUEIOS e RESTABELECENDO A ORDEM para que a pessoa possa libertar-se e viver sua própria história, sintonizado com sua própria frequência vibratória.

A Constelação Sistêmica busca clarear os laços de amor que unem a família, através de soluções inusitadas e simples para os problemas e conflitos psíquicos dos pacientes. Para isso, pessoas do grupo, mas estranhas entre si, são chamadas a representar e assumir os movimentos essenciais e sentimentos profundos dos membros da família – ou outros elementos do sistema. Esse método terapêutico permite enxergar a dinâmica e as conexões entre os elementos do sistema, inicialmente denominado Constelações Familiares; há poucos anos, ampliou a abordagem para tudo que se constitui num sistema, chamando de "movimentos da alma".

Abordagem dos sintomas

Primeiro é necessário identificar a *QUEIXA PRINCIPAL*, que pode se manifestar como um bloqueio, um estresse pós-traumático, um *hangover*¹⁴ (pressões contínuas, por um longo período de tempo), um postulado ou *emaranhado*¹⁵.

¹⁴ Termo utilizado por Hans Tendam, que define uma condição em que a pessoa permanece estagnada, num processo crônico e tedioso de longa duração: "A pessoa se curva, mas não quebra" (TenDam, 1997).

Trata-se de padrões reacionais cuja origem pode estar numa experiência do personagem atual, numa vida passada (herança espiritual), na família de origem (independente da geração onde a vivência traumática teve sua origem), ou num personagem intruso. Todos esses processos implicam numa não presença da pessoa no aqui e agora, e conseqüentemente, em perda de energia para viver o presente.

As perguntas básicas são:

1. **O QUE?** Onde se fará o *histórico dos sintomas* – a ANAMNESE detalhada do caso, como a data de início dos sintomas, local, pessoas com quem partilhou a experiência, etc.
2. **COMO?** O como vai informar *como aquilo aconteceu* (na visão do cliente) e como os pensamentos, sentimentos e as reações da pessoa frente aos acontecimentos passados influenciaram e determinaram seus sintomas atuais. Essa será a porta de entrada para a abordagem terapêutica, quando se busca a origem do sintoma, identificando-se o cliente com o *personagem intruso*. Aqui, a intervenção do terapeuta é fundamental para conduzir o cliente a uma *varredura geral* no tempo-espço, observando o que aconteceu com cada personagem, e a responsabilidade profunda de cada um com o acontecimento.
3. **PARA QUE?** Aqui se encontra o *Motivo*, o *Sentido* daquele sofrimento e o relaciona com a vida atual. Quando se utiliza a Constelação Sistêmica transgeracional com representantes, especialmente esse último item ocorre no campo mórfico de uma forma implícita, raramente sendo explicado pelo terapeuta ou pelos representantes. São conclusões que o cliente obtém diretamente da observação do processo sistêmico que ocorre no campo terapêutico.

IV- PRÁTICA

Para que se possa saber o sabor de uma laranja é preciso saboreá-la. O mesmo acontece com a Constelação Sistêmica Transgeracional. Sendo assim, fica meu convite para que você experimente trabalhar um sintoma dessa forma ou representar um elemento de um sistema em que uma pessoa esteja sendo trabalhada por essa abordagem terapêutica.

Votos de paz.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA:

Besant, A. (1979). *A Vida do Homem em Três Mundos*. São Paulo: Pensamento.

Bohm, D. (1980). *Totalidade e Ordem Implícita*.

Campbell, J. (2003). *Reflexões sobre a arte de viver*. São Paulo: Gaia.

Goswami, A. (1998). *O Universo Autoconsciente: como a consciencia cria o mundo material*. RJ: Ed. Record: Rosa dos Ventos.

¹⁵ Termo utilizado pela terapia de família, que traduz uma confusão de sintomas.

-
- Goswami, A. (2005). *A Física da Alma - a explicação científica para a reencarnação, a imortalidade e experiências de quase morte*. São Paulo: Alep.
- Hellinger, B. (1998). *A Simetria Oculta do Amor*. Cultrix.
- Hellinger, B. (2005). *Conflito e Paz - uma resposta*. São Paulo : Cltrix.
- Hellinger, B. (2007). *A Diferenciação das Consciências. Texto enviado aos Terapeutas em Formação*.
- Hellinger, B. (2007). *A Diferenciação das Consciências*. enviado por e-mail.
- Hellinger, B. (2007). *Histórias de Amor*. Atman.
- Hoffman, L. (1981). *Fundamentos de la Terapia Familiar - Un marco conceptual para el cambio de sistemas*. México: Fondo de Cultura Económica .
- Kant. (s.d.). *Critique of Judgement*.
- Kayzer, W. (1998). *Maravilhosa Obra do Acaso*. In: e. c. Sheldrake. Nova Fronteira.
- Lieber, P. D. (2001). *Teoria de Sistema*. São Paulo - Guaratinguetá: Departamento de Produção da Faculdade de Engenharia da UNESP- Guaratinguetá.
- Minuchin, S. &. (1995). *A cura da Família*. ArtMéd.
- Nisargadata, M. (1973). *Eu Sou Aquilo - TAT TWAM ASI*. TRANCOSO - ba: Advaita.
- Powell, A. E. (1972). *O corpo Causal e o Ego*. Pensamento.
- Rinpoche, S. (1999). *Livro Tibetano do Viver e do Morrer* . São Paulo: Editora Talento – Palas Athenas.
- Schützenberger, A. A. (1997). *Meus Antepassados – vínculos transgeracionais, segredos de família, síndrome de aniversário e prática do genossociograma*. Ed. Paulus.
- Sheldrake, R. (1988,1995). *A Presença do Passado, a ressonância mórfica e os hábitos da natureza*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget.
- Sheldrake, R. (1996). *A Presença do Passado*. Instituto Piaget .
- Sheldrake, R. (2003). *A Sensação de estar sendo Observado e outros aspectos da mente expandida*. Editora Cultrix .
- Sheldrake, R. (fevereiro de 2005). *Morphic Fields And Morphic Resonance*. Fonte: WWW.sheldrake.org.
- Sheldrake, R. (s.d.). *Morphic Fields And Morphic Resonance*. In: T. livre.
- Vitto, D. d. (Diretor). (1989). *War of the Roses, EUA* [Filme Cinematográfico].
- Weber, R. (1986). *Diálogos com Cientistas e Sábios: A Busca da Unidade*. São Paulo: Cultrix.
- Wilber, K. (2005). *Psicologia Integral*. Ed. Cultrix.
- Yogananda, P. (1997). *Onde Existe Luz*. EUA: Conselho de Publicações Internacionais da Self-Realization Fellowship.

Yuktswar, S. (1949). *A Ciencia Sagrada*. Self-Realization Fellowship.